

[EM CASO DE FALHA NAS VIAS DE COMUNICAÇÃO
ENTRE EM CONTATO COM NOSSO SAC]

quando tento que funcionem
as palavras escapam-me dentro da casa
tento os pontos básicos do crochê
mas no arremate da primeira
já não posso emendar a segunda linha

as vias de contato se afunilam
o ar entra pouco pelas janelas

Viviane Nogueira

39

Tanto orgulho em morrer
Que nos humilha. Tanta
Indiferença em ter
Tudo o que nos encanta —
Tão feliz, ao revés,
De ir aonde ninguém quis —
Que a Angústia se desdiz
Em Inveja, a teus pés —

Emily Dickinson
[trad. Augusto de Campos]

reflecção

e se lembrar
fosse esquecer?

e se tocar
fosse nunca mais
mexer?

Caio Augusto Ribeiro

fluxos fluxos fluxos

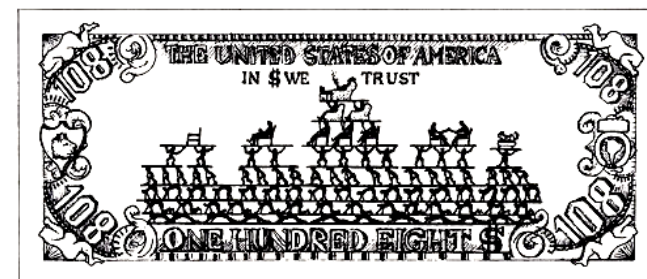
Em setembro, dias 10 e 11, o **Algaravia! poesia na Mário e nos bairros** é dedicado à Josely Vianna Baptista, com leituras de Beatriz Azevedo, David Karai Popygua, Guilherme Gontijo Flores e Luiza Romão, com a participação do músico Júlio Nogueira. Dia 13, no Estúdio Lâmina, haverá o lançamento de **Todos os cachorros são azuis**, primeiro título da obra completa de Rodrigo de Souza Leão, publicado pelo Selo Demônio Negro. No sábado, 14, tem **Sessões Macondo: Pauliceia IV** com os lançamentos de **Uma casa se amarra pelo teto**, de Viviane Nogueira, e **Um sopro de vida no meio da morte: autodefinição y recusa ao racismo lgbtqifóbico colonial**, de Tatiana Nascimento. O evento contará com um bate-papo entre as autoras e Lubi Prates, mediado pela professora Ariadne Catarine. Dia 14, na Patuscada, tem o lançamento de **ñ me espere para jantar** (Editora Patuá), de Carol Sanches. Na livraria Alpharrabio, no dia 17, Helio Neri lança **Sessões diárias e outros poemas** (Editora Fractal). Dia 28, último sábado do mês, dose dupla de poesia: de manhã, **Vozes, Versos**, na Tapera Taperá, com os poetas Fernanda Marra, Ricardo Rizzo e Viviane Nogueira, em seguida, tem **Burburinho Literário** no Instituto Goethe, celebração do Dia Internacional dos Tradutores feita em parceria com as Edições Jabuticaba, com feira de livros, bate-papos, sarau em homenagem à poeta alemã May Ayim e conversa com Ricardo Domeneck, no **Passaporte: Literatura** organizado por Tarso de Melo e Marcelo Lotufo.

FLUXOS, microjornal de poesia, é editado por Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo

SP | *periodicidade temperamental* | *tiragem improvável*
arquivos disponíveis em tarsodemelo.wordpress.com
reprodução livre: leia, imprima, compartilhe | obrigado

FLUXOS

edição catorze | setembro de 2019



Öyvind Fahlstrom
[“\$108 Bill”, 1971]

Eu bicho

Minha verruga, retirada
do dedo mínimo da mão direita
me faz falta.

Era bela e folhuda,
uma couve-flor.
Era obscena,

cauliflower, reentrante,
um amor.
Agora são só uns

traços verticais e
cicatriciais, onde
antes fora

a sexualíssima inflorescência.
Lambo a minha verruga
em sua ausência.

Jorge Wanderley

«O futuro também não nos pertence. Daqui a algumas dezenas de anos, seremos chamados, sem qualquer piedade, de gente do milênio passado. Tínhamos apenas cantos apaixonados sobre o futuro e, de repente, esses cantos, frutos da dinâmica do presente, transformaram-se em fatos da história literária. Quando os cantores são assassinados e as canções, arrastadas ao museu e presas ao passado, a geração atual torna-se ainda mais desolada, mais abandonada e mais perdida, mais deserdada, no sentido verdadeiro da palavra».

Roman Jakobson
A geração de esbanjou seus poetas, 1931
[trad. Sonia Regina Martins Gonçalves]

Sobre o bom sentido

A partir de um tema de Cesar Vallejo

Preciso te dizer, mãe,
Que existe um lugar no mundo ao qual todos chamam de
[Nova Iorque

Um lugar alto e distante e ainda mais alto
Mais alto que a igreja em Montserrat e suas pombas
[sonâmbulas

Mais alto e distante que o vulcão no qual nossa espécie foi
[extinta

e suas cinzas azuis queimando nossas faces mestiças
Mais distante que eu próprio quando fui a Paris visitar Vallejo
Mais alto que Vallejo que agora valleja ao rés do chão
Alto e distante como eu, visto por baixo

Quando pulo pelado para nadar no Hudson
e encontro imigrantes tentando alcançar a costa
Seus corpos sem vida me chamam do fundo
E eu falo para eles de ti, mãe

da borboleta que saiu de teu ventre
do dia em que sonhaste que eu era um anão
Mãe, este lugar no mundo ao qual todos chamam de Nova
[Iorque

Não é Paris, mas tem uma senhora francesa que sorri para a
[Europa

Do outro lado do telefone minha mãe me deseja primaveras
E aqui florescem as margaridas de plástico e sorriem as
[garotas de tetas de borracha

Mãe, não me ajustes o colarinho para que comece a nevar, mas
[para que pare de nevar

Me deixa vagar por esta ilha soberba entre as luzes do Show
[Business

Embriagar-me sozinho com tua ausência e aí começa a viver
[cansada de mim

Ausente de mim, vazia de mim, surda de mim, cega de mim,
[muda de mim, insone de mim

Debaixo desta muralha de sombras
jaz um Titanic de granito e um garoto que chora nos trens
[subterrâneos

A mãe de outro homem o acorda e o deita em sua cama
Nós mãe, somos de outro tempo
Nossa pele é couro de tambor e jamais perderemos o sotaque.

Carlos Aguasaco
[trad. Paulo Ferraz]

XXV

tem algo nas grandes tempestades
nas grandes ventanias
entre o pacato e a tragédia
algo me mantém acesa

o entorno traz razoável aspecto de brutalidade
suficientemente necessária

que eu saiba, entretanto
da generosidade desse instante
não faz a menor diferença
e nada acrescenta sobre tudo

apenas estou:
antes do estalar dos dedos
antes do trágico das árvores
antes da catástrofe das ondas
antes da brutalidade do vento
antes que mudem de ideia
entre isso e aquilo
entre o que vive e o que morre

nesse ponto ainda consigo ver beleza

no singelo recado:
cuidado,
quem manda aqui
sou eu

Carol Sanches

É que um mundo todo vivo tem a força de um Inferno.

Clarice Lispector
[verso potente, desentranhado de
A paixão segundo G.H.]